

Educomunicação na Educação do Campo: Interfaces de saberes pedagógicos e experiências docentes¹

Mariana Ramos PIMENTEL²

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

Zélia Maria de Arruda SANTIAGO³

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

Resumo

As pessoas na sociedade contemporânea convivem com diversos meios de comunicação, através dos quais diferentes informações são divulgadas, mas nem sempre acessadas por todos. Este trabalho discute as limitações de acesso à mídia radiofônica e escrita/impresa por algumas professoras que atuaram na educação do campo entre as décadas de 60-80 nos sítios Retiro (Barra de Santana-PB) e Luiz de Melo (Queimadas-PB) em casas-escolas com classes multisseriadas do antigo primário. Por enfrentar ausência de orientações didático-pedagógicas, elas buscavam uma formação continuada espontânea com base nas suas experiências docentes e expectativas dos alunos. A pesquisa é resultante do programa de iniciação científica (PIBIC/UEPB) na qual os dados empíricos revelam que as professoras não se acomodavam às propostas pedagógicas oficializadas, mas (re)inventam sua prática docente.

Palavras-chave: Educomunicação; Educação do Campo; Saberes Pedagógicos.

1. Uma breve Introdução

A informação por si mesma não gera conhecimento, mas é um instrumento que colabora no desenvolvimento da comunicação. É preciso receber a informação e interpretá-la através das habilidades e competências que o sujeito possui durante o processo de significação.

Cada sujeito possui histórico social e cultural, evidentemente os processos de significação não serão os mesmos, uma vez que os discursos e lugares são diferenciados. Contudo, o acesso às tecnologias de comunicação é essencial para a produção dos discursos. Sobretudo a escola precisa interagir em seus processos educacionais a partir da utilização de produtos midiáticos que proporcionem a qualificação crítica dos indivíduos, não só por sua inserção, mas pela iniciativa dos formadores em

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-graduada do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande e Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba, email: ramospimentel@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Educação, email: zeliasantiago@yahoo.com.br

construir diálogos na sala de aula. É comum encontrarmos discussões interdisciplinares entre grandes áreas que normalmente se completam.

A relação entre os campos da Comunicação e Educação, por exemplo, desperta alternativas para as práticas de ensino inovadoras, promovendo diversidade e expectativas de mudança social. Na ótica de Paulo Freire, o ato de educar é um ato de comunicação, processo que configura o movimento entre as vontades de ensinar e aprender. A educação pela comunicação volta-se para a formação de sujeitos críticos e autônomos, em espaços de educação formal ou não-formal, refletindo sobre a potencialidade dos meios de comunicação na educação e o uso de recursos midiáticos na aprendizagem, configurando o campo da educomunicação.

Educar utilizando-se da comunicação permite que a prática de ensino-aprendizagem reconheça a competência dos sujeitos no que diz respeito os processos de significação, reflexão e crítica. Conforme destaca Kaplún (1999), não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação.

Nas palavras de Fernando Rossetti, a educação pela comunicação é um ótimo jeito de formar cidadãos para uma sociedade na qual a informação e conhecimento valem mais. Nesse sentido, educar tem por essência a comunicação. Através de diálogos e da participação dos sujeitos, ampliamos o horizonte cognitivo. A intercomunicação humana nos processos educacionais acontece em qualquer lugar e tempo, e despertam sensibilidade, valores, comportamentos.

Diante disso, além da percepção da importância da comunicação no processo formativo, buscamos nesta pesquisa compreender e elucidar as práticas de ensino da educação básica de escolas no contexto rural, numa determinada época, nas quais as professoras utilizavam materiais e equipamentos midiáticos como suporte para suas aulas, provocando diálogos e reflexões.

2. A escola do campo e as práticas educomunicativas: o contexto da pesquisa

A pesquisa surgiu do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual da Paraíba intitulado “Práticas de letramentos em narrativas de professoras do campo: repercussão no seu fazer pedagógico”. O projeto foi coordenado pela professora

Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago (DE/UEPB) durante 2011 e 2012, tendo como objetivo conhecer práticas de letramentos orais/escritos/digitais adquiridas na vida cotidiana das professoras que atuaram e atuam na educação do campo e, de que modo, tais práticas repercutiam/repercutem no fazer pedagógico, para refletir a prática docente e a formação continuada de professores na zona rural.

Para este artigo, fizemos um recorte apenas das falas das ex-professoras inativas centrada na análise de entrevistas, focado nas suas experiências docentes com relação às práticas de educomunicação, a exemplo se escutavam algum programa de rádio/televisão e discutia na sala de aula ou que material levava para dar aulas?. Através dessa análise buscamos investigar a influência dos meios de comunicação nas práticas de ensino no contexto rural das professoras inativas.

Enfatizamos que no contexto rural nas décadas passadas não havia como acessar meios de comunicação devido à falta de recursos para aquisição ou mesmo pela disponibilidade dos aparelhos na época. Até meados da década de 20, o meio de comunicação mais utilizado era o jornal impresso, que ficava restrito ao ambiente da cidade. Algumas professoras tinham acesso ao rádio outras ao jornal impresso. Esta pesquisa foi realizada na região do Cariri Paraibano nos sítios Malhadinha e Luiz de Melo, pertencentes às cidades de Queimadas e Barra de Santana. A seguir disponibilizamos fotos referentes às casas-escolas e atuais Escolas Municipais, inclusive de algumas desativadas.



Selecionamos quatro ex-professoras das cidades de Queimadas e Barra de Santana para a realização das entrevistas. Por vários anos elas ensinaram nas escolas dos sítios da região, época em que também algumas escolas eram nas próprias residências (casas). O nosso recorte temporal da entrevista compreendeu as décadas de 50-80 (século XX), época de sua atuação.

3. Sobre a Educação no/do campo e a perspectiva da Educomunicação

A Educação do campo surge dentro de um contexto de lutas e movimentos no contexto social brasileiro em face de disseminação e valorização da educação urbana. Por muito tempo o povo do campo esteve silenciado e seu direito à educação básica e continuada desconsiderada, uma vez que o campo sempre foi considerado um lugar sem perspectiva de desenvolvimento, portanto, sem investimentos educacionais (escolas, professores, alunos, formação docente para o campo, infraestrutura, organização, funcionalidade, continuidade, propostas didático-pedagógicas descontextualizadas, etc).

A proposta da educação campesina deve ser projetada com base na realidade das pessoas que já residem no campo e nas expectativas dos educandos, para estes, reelaborarem diversos saberes adquiridos na vida do campo com sujeitos conhecedores da sua realidade sociocultural e ambiental (histórias de vida, valores, mídia, cultura e identidade), tendo em vista (re)afirmarem suas raízes e identidades campesinas⁴.

Na compreensão de Caldart (2002), a educação campesina deve ser considerada no e do campo, considerando sua realidade sociocultural e ambiental, por isso, esta ênfase de uma educação *no* campo, através da qual o povo campesino tem direito a ser educado no lugar onde vive para nele produzir e permanecer. Perspectiva reforçada com a concepção de uma educação *do* campo, pois seus moradores têm direito a uma educação projetada para atender as demandas desta realidade fundada na sua participação, vinculando a história, as vivências culturais e necessidades humanas e sociais dos campesinos (CALDART, 2002).

A Educação do Campo parte da particularidade da realidade dos povos que lá vivem para a compreensão universal histórica (FRIGOTTO, 2011). Temos que pensar a escola vinculada aos processos socioculturais e ambientais. Neste sentido, a educação do campo soma o conjunto de lutas pela transformação das condições de vida dos campesinos que

⁴ In: Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) Campo 2013: Guia de Livros. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2012.

enfrentam maiores desafios que a vida na cidade, sobretudo em termos educacionais, pois na zona urbana existem mais escolas que garantem a formação educacional básica (educação infantil, fundamental I e II, além do ensino médio) de muitos educandos.

Espera-se que, por meio da educação esteja ela na zona urbana ou rural, contribua para transformar o homem, conforme afirma Freire (1996) em suas reflexões sobre a pedagogia do oprimido, quando diz que a escola não transforma a realidade, mas pode ajudar a formar os sujeitos capazes de fazer a transformação. Para o educador ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção.

Neste sentido, a educação é uma área que converge estudos e pesquisas para melhor entendê-la numa perspectiva transformadora. Assim, os saberes acerca da educomunicação é uma intervenção social que se instaura em um novo paradigma de relacionamento, diálogo social e protagonismo com a educação (SOARES, 2011). O conceito de Educomunicação é entendido por Soares (op cit) como o conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais.

Soares e Freire vinculam o processo de educação à comunicação através do diálogo. É essencial instaurar um modelo pedagógico de educação libertadora, transformadora, uma relação dialógica entre aluno-professor na qual construirão junto ao conhecimento. Para Soares (1996), a prática educomunicativa se configura como um espaço de discussão e de cidadania. Kaplún (1999) afirma que é fundamental ultrapassar a visão redutora e entender que a Comunicação não é apenas um instrumento midiático e tecnológico, mas também uma potencial ferramenta pedagógica, configurando aquilo que ele chama de Educação Comunicativa.

4. Análise de dados: a comunicação no cotidiano e suas facetas nas práticas educativas

Difícil não se emocionar com os depoimentos das professoras. Histórias de vida, trajetórias de ensino e formação, experiências que mixam o novo ao velho. Iremos nos deter agora a uma análise dos depoimentos de quatro ex-professoras do campo. Como destacamos no início deste artigo, recortamos apenas o que relataram sobre os meios de comunicação utilizados para ampliar os saberes, compartilhando-os em sala de aula, e os

materiais didáticos utilizados nas aulas. Como forma de preservar a identidade dessas professoras, utilizaremos números para nomeá-las.

Relato 1 – Professora 1

Escutava algum programa de rádio e discutia na escola?

- Na época não tinha rádio, era um atraso (...) quando escutava ouvia noticiário, novela, a “Voz do Município” no tempo de Félix Araújo (prefeito de Campina Grande).

Que material levava para dar as aulas?

- Eu levava a revista Cruzeiro, eu assinava essa revista.... toda semana eu comparava para acompanhar algumas reportagens de guerra, da política, da seca que era grande. Às vezes tinha um assunto que dava certo com a aula e eu levava, figura de criança, texto de desastre (...).

Apesar da falta de recursos didáticos e o contexto precário das escolas na época, as professoras se esforçavam em levar materiais diferentes para sala de aula. Na tentativa de chamar a atenção do aluno e provocar discussões temáticas, elas recorriam aos meios de comunicação, principalmente revistas, rádio e jornal impresso.

Percebemos também no relato 1 a busca pela atualização através do compartilhamento das notícias. Estes podiam ser discutidos em sala e faziam parte do cotidiano dos educandos residentes no campo.

Relato 2 – Professora 2

Escutava algum programa de rádio e discutia na escola?

- Ouvia a Patrulha da cidade pra escutar os desastres da cidade e tinha coisas que comentava com os alunos. A voz do Brasil e do Município. O que levava desses programas quando aparecia um fato novo que chamava atenção de roubo, morte, eu levava para sala de aula, uma notícia boa ou má. Era um cariri seco, eu escutava no rádio as notícias sobre a construção de açude e falava na sala de aula que os políticos nunca construíam, a seca era grande, muita gente ia embora pra outras cidades.

Que material levava para dar as aulas?

- Levava sempre o livro didático e algo mais que fosse possível. Ninguém sabia nem o que era revista, era tudo oral.

No relato 2 identificamos a presença forte do rádio no dia a dia dos sujeitos. Tendo em vista a época de atuação dessas professoras, o principal meio de comunicação e mais acessível era o rádio. Verificamos também que a seleção das temáticas que deveriam ser abordadas na escola ocorria mediante o grau de envolvimento com o cotidiano e a realidade sociocultural dos educandos, a exemplo da seca.

Diante disso, percebemos a atuação da professora em tentar construir diálogos críticos com os educandos em sala de aula a partir de discussões a respeito da política e do cenário precário e desgastado, principalmente pela seca, da zona rural na qual residiam. Segundo Freire (1996), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, é aproveitar as experiências dos alunos e relacioná-las ao contexto discutido.

Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes das áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p. 15)

Relato 3 – Professora 3

Escutava algum programa de rádio e discutia na escola?

- Só pra mim, não falava o que ouvia não, fazia tudo do livro. Naquele tempo não podia conversar com o aluno que os pais não gostavam, tinha que conversar assunto do conteúdo da sala de aula.

Que material levava para dar as aulas?

- Eu levava revista que recebia da Secretaria de Ensino para trabalho, eles olhavam e liam, olhavam as figuras, mas a maioria era o livro didático, eu dava ele todinho e depois fazia a revisão, lia o livro e depois recordava, dava tempo a fazer tudo, se botasse esse negócio de desenho, pintura, revista, aí ninguém via o conteúdo do livro didático.

Nesse relato, verificamos a repressão que havia na época, tanto dos meios de comunicação quanto da liberdade de expressão das pessoas. Além disso, a visão de educação era algo ‘fechado’, na qual se pensava que educar/ensinar era um ritual que deveria seguir o que constava no livro, como percebemos em “se botasse esse negócio de desenho, pintura, revista, aí ninguém via o conteúdo do livro didático”.

Dessa forma, o livro didático torna-se um pacote acabado que o professor apenas reproduz, deixando de sustentar a reflexão e relação com situações reais para a compreensão dos aprendizes. Grigoletto (1999) ratifica isso quando diz que “o professor recebe um ‘pacote’ pronto e espera-se dele que o utilize” (GRIGOLETTO, 1999, p. 68).

Relato 4 – Professora 4

Escutava algum programa de rádio e discutia na escola?

- Escutava a Voz do Município, a Voz do Brasil, escutava e anotava e discutia na sala de aula com meus alunos sobre o analfabetismo existente no nosso país que era grande, eu falava pra eles continuarem estudando não só ficar naquilo. Também escutava sobre a seca e falava com eles que o estudo podia melhorar essa situação, pois os meninos viviam desistindo porque os pais se mudavam pra ir trabalhar em outras fazendas (...) Eu gostava muito de ler revista que pedia emprestada sobretudo assunto que podia levar para sala de aula. Quando eu chegava da feira central de Campina Grande eu pegava os papéis de revistas, jornais que vinha embrulhando as mercadorias, abria e desamassava, passava o ferro de brasa e lia um por um, quando eu achava que dava certo com o conteúdo do planejamento eu falava aquilo da revista na sala de aula, já me ajudava e ficava mais animada, pois às vezes era um assunto que dava certo e os meninos gostavam. Toda vez que a feira chagava eu fazia essa obrigação eu queria modificar minha aula, queria ser amiga dos meus alunos.

Que material levava para dar as aulas?

- Muitas vezes o aluno chegava com assunto que assistia pela televisão ou rádio e queria que o professor falasse sobre o determinado assunto, era a aula do momento aonde vinha fazer pesquisa e elaborar perguntas, etc.

Verificamos nesse relato a preocupação da professora em manter os alunos atualizados acerca dos acontecimentos mais recentes e correntes na sociedade, cuja prática contribuía para que os alunos desenvolvessem o senso crítico sobre as temáticas sociais cotidianas relacionadas ao conteúdo didático, além de refletir sobre a situação de vida dos próprios alunos e do seu contexto.

Um trecho que identificamos como bastante relevante é quando a professora relata “(...) Quando eu chegava da feira central de Campina Grande eu pegava os papéis de

revistas, jornais que vinha embrulhando as mercadorias, abria e desamassava, passava o ferro de brasa e lia um por um, quando eu achava que dava certo com o conteúdo do planejamento eu falava aquilo da revista na sala de aula(...).”

Percebemos nesse momento o alto grau de importância dado a esse meio de comunicação pela professora para a elaboração da aula. Jornais mesmo estando velhos, amassados e desatualizados, eram um recurso pedagógico. “(...) Eu queria modificar minha aula, queria ser amiga dos meus alunos”, afirma a professora. Através das temáticas e discussões contidas nos jornais, a professora acrescentava momentos diferentes nas suas práticas de ensino, promovendo reflexão.

6. Considerações finais

Nosso recorte da pesquisa realizada pelo Pibic reafirmou a importância de se (re)inventar as práticas docentes. As professoras não se limitavam ao conteúdo livro didático, elas buscavam outras fontes de saberes para aumentar o seu conhecimento docente e somados às vivências dos alunos, construir diálogos críticos sobre o contexto no qual estavam.

Apesar das dificuldades e limitações, elas ultrapassavam os limites dados pelo contexto social do campo. Os meios de comunicação foram cruciais para o suporte das aulas. Desde discussões nos rádios até o jornal que embrulhava o sabão da feira, essas professoras tiveram iniciativa e visualizaram novas formas de ensino.

O novo e o diferente foram peças chave para as práticas educacionais de ensino no campo. A Comunicação não é apenas um instrumento midiático e tecnológico, mas também uma potencial ferramenta pedagógica, quando bem utilizada. Se na época em que as professoras ensinavam no campo já se pensava no uso dos meios de comunicação em sala de aula, hoje em dia, então, a preocupação deve ser ainda maior, tendo em vista a amplitude que as mídias atingiram.

Os educandos estão imersos na cultura midiática que converge e torna-se cada vez mais ubíqua. É preciso saber adequar e utilizar os aparatos tecnológicos e a mídia na sala de aula de forma eficaz e crítica, vislumbrando integração e novas alternativas de ensino.

7. Referências

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Jorge Edgar; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Brasília: DF, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Projeto societário contra-hegemônico e educação do campo; desafios de conteúdo, método e forma. In: Munarin Antônio, Beltrame Sônia, Conte Soraya Franzoni e Peixer Isabel (orgs). **Educação do campo**: reflexões e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2011.

GRIGOLETTO, Marisa. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999b.

KAPLÚN, Mário. **Processos educativos e canais de comunicação**. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 14, jan/abr.1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/36846/39568>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade da informação ou da comunicação?** São Paulo: Cidade _____ . **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.